

Sem dor

VIDA REAL

sem dor

Juliana Bertocel, 32 anos, viveu 15 anos sentindo uma dor inexplicável. Com muita força, ela fez de sua experiência uma motivação profissional

“Convivi por muito tempo com diversas dores que eu não conseguia explicar, apenas tinha uma sensação de que a qualquer hora poderia morrer. Aos 24 anos, me consultei com vários médicos, principalmente ginecologistas, para entender de onde vinha a dor forte que sentia no período menstrual. Mas foi apenas aos 29 anos que um ginecologista homeopata suspeitou de endometriose. Só que como não ‘aparecia’ nos exames de ultrassom nem de ressonância magnética, o diagnóstico não confirmou a suspeita.

não dá mais!

Minha busca pelo fim da dor continuou e, aos 30 anos, conheci um especialista em ultrassom, específico para diagnosticar endometriose. Logo após a confirmação, realizei a videolaparoscopia — cirurgia para a retirada de todos os focos de endometriose. Mas, ainda assim, a dor continuou. Nessa época já sentia dores todos os dias, em tempo integral. Continuei investigando,



Dê atenção aos sinais do seu corpo

Foto: Shutterstock

“Cheguei a bater o carro várias vezes porque o trânsito piorava a dor e não tinha forças para virar a direção.”

voltei a ir a vários médicos e fiz inúmeros exames. Sentia dor até para pentear o cabelo. Quando resolvia fazer escova, tinha que me sentar para descansar. Na busca incansável por resolver o meu problema, conheci um médico que me diagnosticou com dor pélvica miofascial crônica. Ele me encaminhou para uma especialista em dor crônica que começou um mix de tratamento que incluía fisioterapia uroginecológica, analgésico, antidepressivo e caminhadas com o grupo chamado ‘Pare a dor!’

um sopro de esperança!

Com esse mix de tratamentos fui melhorando aos poucos. Os especialistas sempre acreditaram

que me livraria da dor. Essa certeza me dava força para persistir no tratamento. Foi um ano até conseguir controlar a doença. Ela ainda aparece vez ou outra em intensidade baixa. Como trata-se de dor crônica, não há cura, apenas controle. Isso não significa que ficarei em tratamento para o resto da vida, mas o exercício físico e as terapias são uma prevenção para que a dor não volte. Como sou formada em musicoterapia, decidi me especializar em dor crônica para poder ajudar, por meio da música, outros pacientes. Hoje sou diretora do www.terapiaemusica.com.br.”

Entrevista concedida à Nicole Granado.



Canal: **Assuntos de Interesse**

Veículo: **Shape**

Seção: **Geral**

Tipo de Clipping: **Impresso**

Publicação: **01/06/2014**

Página: **91**



Sem dor